

## Abordagens gramaticais ao *code-switching*

De início, acreditava-se que o *code-switching* era um comportamento lingüístico randômico, idiossincrático e não governado por regras gramaticais, e mesmo Labov (1971, p.457) apontou que “ninguém foi capaz de mostrar que tais alternâncias rápidas são governadas por quaisquer regras ou restrições sistemáticas e devemos, portanto, descrevê-las como a *mistura irregular de dois sistemas distintos*” (minha ênfase). Lance (1975) também não acreditava haver restrições sintáticas ao *code-switching*. A alternância entre códigos era, como afirmou Weinreich (1953), ausente no discurso do “bilíngüe ideal”, ou seja, característica do bilíngüe imperfeito, que não detinha controle adequado dos sistemas ou subsistemas lingüísticos distintos.

Entretanto, ao longo das últimas três décadas, devido aos esforços dos pesquisadores voltados ao estudo dos aspectos gramaticais do *code-switching*, esta visão foi suplantada pela idéia de que este fenômeno, apesar de complexo, é sistemático e está sujeito a restrições gramaticais. A alternância entre códigos não é idiossincrática, mas ocorre em pontos específicos e recorrentes, como buscaram comprovar os lingüistas que adotaram como perguntas de pesquisa quais as restrições sintáticas a esta prática lingüística e em que locais da sentença o *code-switching* pode ocorrer (Poplack, 1980, 1982; Joshi, 1985; Di Sciullo, Muysken & Singh, 1986; Mahootian, 1993; Belazi, Rubin & Toribio, 1994). Atualmente, a sistematicidade da alternância entre códigos está cientificamente comprovada, e tal comportamento discursivo tem sido considerado uma característica do elevado nível de competência bilíngüe.

Neste capítulo, delineamos brevemente os primeiros estudos sobre a gramaticalidade do *code-switching*, conduzidos ainda na década de 70 (Timm, 1975; Gumperz, 1976; Lipski, 1978; Pfaff, 1979), bem como os principais modelos gramaticais elaborados para dar conta de suas restrições sintáticas (Poplack, 1980, 1981; Joshi, 1985; Di Sciullo, Muysken & Singh, 1986; Mahootian, 1993; Belazi, Rubin & Toribio, 1994), e terminamos com a proposta teórica de Myers-Scotton (1993b) e com a apresentação da abordagem minimalista a este fenômeno sugerida por MacSwan (1999, 2000).

## 5.1.

### Os primeiros estudos sobre a gramaticalidade do *code-switching*

Os primeiros estudos sobre a gramaticalidade do *code-switching* se voltaram unicamente a mostrar que este fenômeno apresentava certa sistematicidade; portanto, não buscaram fornecer explicações sobre os aspectos gramaticais envolvidos na alternância entre códigos. A tabela abaixo, adaptada de MacSwan (1999), mostra as principais restrições apontadas pelos pesquisadores desta época a respeito do *code-switching* inglês-espanhol (o símbolo “+” identifica as fronteiras em que o *code-switching* não pode ocorrer):

Restrição	Reportada em
To + verbo, auxiliar + verbo, negação + verbo, sujeito pronominal + verbo, verbo + objeto pronominal, clítico + verbo, verbo + clítico	Timm (1975)
Because + complemento, conjunção + complemento, substantivo + adjetivo, sujeito pronominal + verbo, verbo + objeto pronominal	Gumperz (1976)
Substantivo + adjetivo, sujeito pronominal + verbo, verbo + objeto pronominal	Lipski (1978)
Substantivo + adjetivo	Pfaff (1979)

**TABELA 3: Primeiras restrições ao *code-switching* relatadas na literatura**

Estes estudos iniciais serviram de ponto de partida para outros pesquisadores que, ao perceberem que havia padrões de recorrência ao *code-switching*, buscaram elaborar modelos teóricos para dar conta de suas restrições sintáticas.

## 5.2.

### Abordagens tradicionais

A teoria sintática tem sofrido gradativamente um deslocamento de foco da análise de regras específicas a cada língua para o estudo de restrições a um sistema modular de princípios universais. Portanto, os trabalhos mais recentes em línguas em contato rejeitaram restrições particulares ao *code-switching* como as formuladas na década de 70. Nas duas décadas seguintes, os principais modelos

elaborados para lidar com a gramática do *code-switching* propuseram a existência de restrições e princípios universais à alternância entre códigos, independentemente das línguas em que esta ocorre (Poplack, 1980, 1981; Joshi, 1985; Di Sciullo, Muysken & Singh, 1986; Mahootian, 1993; Belazi, Rubin & Toribio, 1994). A seguir, apresentaremos as abordagens dos pesquisadores mais influentes; sem, no entanto, voltarmos nossa atenção aos aspectos da teoria lingüística envolvidos em cada uma destas propostas, uma vez que este não é o foco deste trabalho. Contudo, na seção 5.4.1, descrevemos brevemente o Programa Minimalista (Chomsky, 1995), uma vez que, além de fundamentar os trabalhos correntes na teoria lingüística gerativa, é a base teórica da abordagem que consideramos mais adequada para a descrição do *code-switching*.

### 5.2.1.

#### A abordagem de Poplack

A primeira tentativa de formular restrições sintáticas gerais ao *code-switching* foi proposta por Poplack (1980, 1981) e Sankoff e Poplack (1981), que argumentaram que deveria haver equivalência na ordem das palavras entre as línguas envolvidas na alternância entre códigos. Outros pesquisadores da década de 70 já haviam relatado que a ordem de palavras influenciava no *code-switching*, como Timm (1975), Gumperz (1976), Lipski (1978) e Pfaff (1979). Poplack, no entanto, ao invés de mostrar os pontos específicos em que a alternância entre códigos não era possível, apresentou duas restrições gramaticais gerais a este fenômeno, a *Restrição de Equivalência* e a *Restrição do Morfema Livre*.

#### Restrição de Equivalência

Esta restrição sugere que a alternância entre códigos tende a ocorrer somente entre constituintes desde que os requisitos de ordem de palavras de ambas as línguas se encontrem na estrutura de superfície, ou seja, em pontos em que a estrutura de superfície de uma língua é mapeada na outra:

“A alternância entre códigos ocorrerá em pontos do discurso em que a justaposição de elementos da L1 e L2 não viole uma regra sintática de nenhuma das línguas.”

(Poplack, 1981, p.586)

A autora sugere que o *code-switching* ocorre exclusivamente quando as línguas em contato compartilham as mesmas categorias gramaticais e possuem a mesma ordem dos constituintes. Assim, num enunciado híbrido inglês-espanhol, por exemplo, alternâncias entre substantivo e adjetivo no sintagma nominal não são possíveis, bem como entre o verbo e o objeto pronominal, como podemos ver a seguir:

(116) Inglês – *espanhol* (Poplack, 1981, p.176):

\*told *le*, \* *le* told,  
(Disse a *ele*.)

(117) Inglês – espanhol (Poplack, 1981, p.176):

\*him *dije*, \**dije* him  
(Disse a *ele*.)

Contudo, a própria autora apresenta um enunciado ocorrido naturalmente em seu *corpus* de *code-switching* inglês-espanhol que contradiz esta restrição, uma vez que envolve a alternância entre substantivo e adjetivo no sintagma nominal:

(118) Inglês – *espanhol* (Poplack, 1980:600):

I got a lotta *blanquito* friends.  
(Eu tenho muitos amigos *branquinhos*.)

### Restrição do Morfema Livre

Esta restrição prevê que a alternância não pode ocorrer entre um morfema fixo (ou de fronteira) e uma forma lexical não integrada fonologicamente à língua do morfema.

“Códigos podem ser alternados após qualquer constituinte no discurso desde que este constituinte não seja um morfema fixo.”

(Poplack, 1981, p.586)

Esta restrição, contudo, não limita a troca somente aos limites de palavras. Para ilustrar, a autora mostra que a combinação entre um verbo do inglês como “flip” e o sufixo do espanhol “-eando” é possível, uma vez que a raiz do verbo

está adaptada fonologicamente ao espanhol, tendo como resultado a palavra “flipeando”. O mesmo acontece em português com “deletar”, “escanear”, e o novo “orkutar”, por exemplo, uma vez que os constituintes do inglês foram adaptados fonologicamente ao português.

Entretanto, de acordo com esta restrição, no *code-switching* espanhol-inglês, o enunciado abaixo não é permitido, pois a raiz do verbo “eat”, do inglês, não foi fonologicamente adaptada para o espanhol:

(119) Espanhol – *inglês* (Poplack, 1980, p.586):

\*estoy *eat*-iendo.

(Estou *comendo*.)

Apesar de Poplack ter sugerido validade universal para ambas as restrições, diversos pesquisadores forneceram evidências contrárias em pares de línguas diferentes, como árabe-francês (Bentahila & Davies, 1983), espanhol-Hebraico (Berk-Seligson, 1986) e italiano-inglês (Belazi, Rubin & Toribio, 1994). O seguinte contra-exemplo, apesar de ser permitido por ambas as restrições propostas por Poplack, foi considerado inaceitável por seus informantes:

(120) Inglês – *espanhol* (Belazi, Rubin & Toribio, 1994, p.225):

\*The students had *visto la película italiana*.

(Os alunos tinham *visto o filme italiano*.)

No que diz respeito à alternância entre o sujeito pronominal e o verbo, MacSwan (1997) relata um enunciado considerado agramatical, de acordo com a previsão de Poplack, e outro gramatical, servindo de contra-exemplo à *Restrição de Equivalência*:

(121) Espanhol – *nahuatl* (MacSwan, 1997:182):

\*Tú *tikoas tlakemetl*.

(Você *vai comprar roupas*.)

(122) Espanhol – *nahuatl* (MacSwan, 1997:182):

El *kikoas tlakemetl*.

(Ele *vai comprar roupas*.)

Por tratar-se de um estudo de bases descritivas, não há como termos certeza que as restrições formuladas por Poplack realmente possuem validade

universal. Ainda, podemos perceber que, uma vez que suas restrições são consideradas princípios da gramática, sua abordagem sugere que o *code-switching* é governado por uma espécie de terceira gramática que limita a interação entre as línguas envolvidas, fato atualmente considerado errôneo e pouco econômico por pesquisadores desta vertente. Entretanto, a relevância deste estudo é claramente percebida na literatura sobre *code-switching*, uma vez que foi tomado como ponto de partida para todos os outros que o seguiram.

### 5.2.2.

#### A abordagem de Joshi

Joshi (1985) postulou que a língua que contém um fragmento proveniente de outra língua é a *língua matriz*, e aquela contida na língua matriz é chamada de *língua encaixada*:

“Apesar da excessiva troca intrasentencial, falantes e ouvintes geralmente concordam a respeito de qual língua a sentença mista “está vindo”. Nós chamamos esta língua de língua matriz e a outra língua de língua encaixada. Esta característica interessante das sentenças mistas sugere que os dois sistemas lingüísticos estão interagindo sistematicamente um com o outro na produção (e reconhecimento) de sentenças mistas.”

(Joshi, 1985, p.145)

Segundo o pesquisador, a língua matriz é determinada pela primeira palavra ou constituinte de uma sentença, e uma estrutura de controle permite a alternância da desta para a língua encaixada, e somente nesta direção, o que sugere o caráter assimétrico do *code-switching*. Para ilustrar, no enunciado abaixo temos marata como língua matriz e inglês como língua encaixada:

(123) Marata – *inglês* (Joshi, 1985, p.147):

mula khurcya *paint* kartat.

(Meninos *pintam* a cadeira.)

Joshi também propôs uma restrição à alternância entre a língua matriz e a língua encaixada, intitulada *Restrição em Itens de Classe Fechada*.

### Restrição em Itens de Classe Fechada

Esta restrição formulada por Joshi estipula que o *code-switching* não ocorre entre um item de classe fechada (determinantes, quantificadores, preposições, verbos auxiliares, etc) e um de classe aberta:

“Itens de classe fechada (ex. determinantes, quantificadores, preposições, possessivo, auxiliares, tempo verbal, verbos de ajuda, etc.) não podem ser trocados.”

(Joshi, 1985, p.148)

Para ilustrar a restrição que propõe, o autor mostra a impossibilidade de se trocar uma preposição do inglês com uma posposição do marata:

(124) Inglês – *marata* (Joshi, 1985, p.148):

\*some chairs-*war*

(em algumas cadeiras)

Entretanto, a universalidade desta restrição foi contradita em outros pares de línguas, como nos pares francês-árabe (Belazi, Rubin & Toribio, 1994), farsi-inglês (Mahootian, 1993), e italiano-francês (Di Sciullo, Muysken & Singh, 1986). No enunciado a seguir, a alternância ocorre entre o verbo auxiliar em italiano e o verbo principal em francês:

(125) Francês – *italiano* (Di Sciullo, Muysken e Singh, 1986, p.15):

No, parce que *hanno* donné des cours.

(Não, porque *tinham* dado os cursos.)

Abaixo, notamos também a alternância entre o verbo auxiliar e o verbo principal nas duas direções nos pares de línguas português e inglês, que também violam a *Restrição em Itens de Classe Fechada*:

(126) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

Eu nunca fui *dumped*.

(Eu nunca fui *abandonada*.)

(127) Inglês – *português* (dados próprios, não publicados):

So I told her we were *namorando*.

(Então eu disse a ela que nós estávamos *namorando*.)

### 5.2.3.

#### A abordagem de Di Sciullo, Muysken e Singh

Di Sciullo, Muysken e Singh (1986) propuseram que o *code-switching* é universalmente restringido pelo princípio de regência que opera nas gramáticas monolíngües. A noção de regência é uma tentativa de formalizar, dentro do panorama da teoria gerativa, a observação de que na gramática há coerência sintagmática e várias relações de dependência. Assim, X governa Y se, e somente se, o primeiro nó dominando X também domina Y, e X é uma categoria mais alta (nome, adjetivo, verbo e preposição). Com base nesta noção, os autores postularam a *Restrição de Regência*.

#### Restrição de Regência

Segundo esta restrição, a alternância é possível somente entre elementos que não são lexicalmente dependentes entre si. Assim, os elementos que estão em relação de regência devem permanecer na mesma língua. A *Restrição de Regência* prevê, por exemplo, que verbo e complementos devem estar na mesma língua, bem como substantivos e adjetivos que os modificam. Entretanto, esta proposta é extremamente restritiva, e também falha por ter sido elaborada com base em dados descritivos. A seguir, temos os seguintes contra-exemplos, em que a alternância ocorre entre o verbo e seu complemento, e entre a preposição e seu complemento, respectivamente:

(128) Inglês – *português* (dados próprios, não publicados):

I think I'm gonna *trancar* that *matéria*.

(Eu acho que vou *trancar* aquela *matéria*.)

(129) Francês – *árabe* (Belazi, Rubin & Toribio, 1994, p.227):

J'ai joué avec *il-ku:ra*.

(Eu brinquei com *a bola*.)

#### 5.2.4.

#### A abordagem de Mahootian

Mahootian (1993; Mahootian & Santorini, 1996) estudou o *code-switching* entre farsi e inglês, sistemas lingüísticos diferentes no que diz respeito à ordem dos constituintes<sup>10</sup>, e postularam um princípio para dar conta da alternância entre códigos com base nas relações entre o núcleo e seus complementos na estrutura sintagmática.

#### Princípio Operativo

Segundo Mahootian, as seqüências de *code-switching* são derivadas através da substituição ou adição de árvores de uma língua em nós de árvores da outra. Nesse processo, a língua do núcleo é responsável por determinar as propriedades sintáticas dos seus complementos:

“A língua do núcleo determina a posição dos complementos na estrutura sintagmática da mesma maneira que em contextos monolíngües.”

(Santorini & Mahootian, 1996, p.9)

Em seu *corpus* de *code-switching* farsi-inglês, a autora observou que a língua do verbo determina a posição do objeto. Mahootian apresenta o seguinte enunciado natural em que o verbo vem de uma língua SVO (inglês) e o objeto, de uma língua SOV (farsi):

(130) Inglês – *farsi* (Mahootian, 1993, p.152):

You'll buy *xune-ye jaedid*.

(Você vai comprar *uma casa nova*.)

Nishimura (1985) também encontrou tal ocorrência em seu *corpus*. O exemplo abaixo também envolve um verbo de uma língua SVO (inglês) e um complemento de uma língua SOV (japonês):

(131) Japonês – *inglês* (Nishimura, 1985, p.76):

nisei no jidai ni wa *we never knew* anna koto nanka.

(Nos dias dos nisei, *nós nunca conhecíamos* tal coisa como o sarcasmo.)

<sup>10</sup> Em farsi, os objetos estão posicionados antes do verbo, diferentemente da ordem básica do inglês.

Ao *Princípio Operativo* também foram apresentados alguns contra-exemplos. MacSwan (1997), por exemplo, ressaltou que, apesar da negação selecionar o verbo à sua direita tanto em inglês quanto em espanhol; os enunciados abaixo, mesmo obedecendo ao *Princípio Operativo*, são considerados agramaticais:

(132) Espanhol – *inglês* (MacSwan, 1997, p.60):

\*El no *wants to go*.

(Ele não *quer ir*.)

(133) Inglês – *espanhol* (MacSwan, 1997, p.60):

\*I never *voy a terminar*.

(Eu nunca *vou terminar*.)

### 5.2.5.

#### A abordagem de Belazi, Rubin e Toribio

Belazi, Rubin e Toribio (1994) propuseram a *Restrição do Núcleo Funcional*, argumentando que ela emerge de princípios independentemente motivados na gramática para outros fenômenos. Segundo os autores, o *code-switching* não pode ocorrer entre um núcleo funcional e seu complemento. Para tanto, eles apelam à checagem de traços. Entretanto, os autores adicionam o traço *língua*, tal como [+espanhol] e [+inglês], que é checado juntamente com outros traços, como caso e concordância. Se os traços não concordam, o *code-switching* é bloqueado.

#### Restrição do Núcleo Funcional

“O traço *língua* de um complemento f-selecionado por um núcleo funcional, como todos os traços relevantes, deve combinar com o traço correspondente deste núcleo funcional.”

(Belazi, Rubin & Toribio, 1994, p.228)

O exemplo abaixo é fornecido pelos autores para ilustrar tal restrição, uma vez que os núcleos funcionais de cada sintagma nominal determinam a *língua* de seus complementos:

(134) Inglês – *espanhol* (Belazi, Rubin & Toribio, 1994, p.222):

This morning *mi hermano y yo fuimos a comprar* some milk.

(Esta manhã *meu irmão e eu fomos comprar* leite.)

MacSwan (2000), contudo, considera que a proposta de criação do traço língua serve somente para renomear fatos descritivos, sendo, portanto, tautológica. O autor ainda apresenta contra-exemplos à restrição de Belazi et.al. No enunciado a seguir, encontramos o núcleo funcional “vestido” em espanhol e seus complementos em nahuatl:

(135) Espanhol – *nahuatl* (MacSwan, 2000, p.39):

Arranco *in* vestido *non de Maria*.

(Arrancou *o* vestido *de Maria*.)

Também pudemos encontrar outro contra-exemplo à *Restrição do Núcleo Funcional*, em que o verbo em italiano, mesmo sendo um núcleo funcional, seleciona uma construção em francês:

(136) Francês – *italiano* (Di Sciullo, Muysken e Singh, 1986, p.15):

Oui, alors j’ai dit que *si poteva* aller comme ça

(Sim, então eu disse que *se pode* ir assim.)

Em suma, os pesquisadores mencionados acima propuseram restrições gramaticais ao *code-switching* com base em dados descritivos. Deste modo, seus modelos pecam por considerar que a teoria lingüística busca dar conta somente de grupos de enunciados ocorridos naturalmente. Ao persistirem unicamente nesta fonte de dados, os pesquisadores elaboram restrições cuja validade universal é sempre passível de ser questionada, já que dados naturais não contêm as sentenças mal-formadas do *code-switching*. Vejamos a seguir as abordagens de Myers-Scotton (1993b) e MacSwan (1999, 2000), cujas propostas não são meramente descritivas, mas sim, teóricas, portanto, com adequação explicativa. Logo, estas abordagens, em contraposição às anteriores, são mais passíveis de serem universais em quaisquer pares de línguas.

### 5.3.

#### **O Modelo de Enquadramento da Língua Matriz de Myers-Scotton**

Myers-Scotton (1993b) propôs um modelo teórico abstrato que tem sido utilizado com sucesso por diversos pesquisadores para analisar diferentes fenômenos de línguas em contato. As duas oposições básicas de seu modelo são a distinção entre *língua matriz* e *língua encaixada*, e entre *morfemas de conteúdo* e *morfemas sistêmicos*.

#### 5.3.1.

##### **Língua Matriz versus Língua Encaixada**

Segundo Myers-Scotton, a distribuição das línguas envolvidas no *code-switching* intrasentencial é assimétrica, e a língua dominante é chamada de *Língua Matriz*, e a outra, de *Língua Encaixada*. De acordo com Joshi (1985), a língua matriz pode ser identificada como aquela que inicia a sentença e cujos morfemas ou palavras são mais freqüentes. O critério adotado por Myers-Scotton (1993b) para a determinação da língua matriz, por sua vez, possui caráter mais estrutural, uma vez que a autora considera que esta fornece quadros gramaticais abstratos nos quais a língua encaixada é inserida:

“A distinção ML versus LE captura o fato que codeswitching dentro de um CP (Projeção de Complementizador) é mais adequadamente pensado como a inserção de elementos da LE dentro do quadro gramatical fornecido por uma LM que uma verdadeira alternância de uma língua para outra.”

(Myers-Scotton & Jake, 2000, p.2)

Myers-Scotton chama de CP (Projeção de Complementizador) “a estrutura sintática que expressa a estrutura predicado-argumento de uma oração, além de estruturas adicionais necessárias para codificar estruturas relevantes ao discurso e a forma lógica desta oração” (Myers-Scotton, 2002, p.54) e a adota como unidade em detrimento da sentença, pois, segundo a autora, “mesmo no interior de uma sentença, as gramáticas podem não estar em contato” (2002, p.55). A CP bilíngüe pode se constituir de:

**(a) Ilhas de LM formadas somente por morfemas da LM**

Estas ilhas de LM estão sob controle da gramática da língua matriz. No exemplo seguinte, “he can use his calling card” é uma ilha de LM.

(137) Inglês – *espanhol* (Myers-Scotton & Jake, 1995, p.30):

*Entonces he can use his calling card.*  
(*Então ele pode utilizar seu cartão telefônico.*)

**(b) Constituintes mistos formados por morfemas da LM e da LE**

Estes constituintes mistos estão sobre controle da gramática da língua matriz. Nos exemplos abaixo, “para los *holidays*”, “empadão com *mushrooms*” e “*três matérias* in this *período*” são constituintes mistos:

(138) Espanhol – *inglês* (Myers-Scotton & Jake, 2001, p.96):

Mis padres van a venir para los *holidays*.  
(Meus pais virão para as *férias*.)

(139) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

Eu adoro empadão com *mushrooms*.  
(Eu adoro empadão com *cogumelos*.)

(140) Inglês – *português* (dados próprios, não publicados):

But then you’ll only have *três matérias* in this *período*.  
(Mas então você somente terá *três matérias* neste *período*.)

**(c) Ilhas de LE formadas somente por morfemas da língua encaixada**

As ilhas de língua encaixada estão inseridas num quadro estrutural da língua matriz. Tais ilhas devem estar incluídas na estrutura da língua matriz, mas possuem autonomia por seguirem internamente as regras da língua encaixada, sendo, portanto, gramaticais. Nos exemplos abaixo, vemos que as ilhas de LE podem ser constituídas de um único item lexical, como “auto-escola”, ou de um sintagma, como “early this month”:

(141) Inglês – *português* (dados próprios, não publicados):

For that I have to attend *auto-escola*.  
(Para isso eu preciso fazer *auto-escola*.)

(142) Árabe Palestino – *inglês* (Myers-Scotton & Jake, 2001, p.92):

Hata siyo mwezi jana. Ilikuwa *early this month*.

(Nem mesmo no mês passado. Foi *no início deste mês*.)

A autora também menciona que a motivação do indivíduo para a escolha da língua matriz reflete aspectos sócio-pragmáticos, como a escolha da língua não-marcada associada à identidade do falante, em geral aquela em que é mais proficiente, ou daquela que o falante considera mais apropriada ao contexto da interação para gerar uma relação de maior solidariedade com seu interlocutor.

### 5.3.2.

#### Morfemas de conteúdo e morfemas sistêmicos

Segundo Myers-Scotton, esta distinção é crucial na identificação da língua matriz. Os morfemas de conteúdo expressam aspectos semânticos e pragmáticos e atribuem ou recebem papel temático, e são, portanto, essenciais para a transmissão de mensagens na comunicação. Temos como exemplos deste primeiro tipo de morfemas os verbos, substantivos e adjetivos. Já os morfemas sistêmicos expressam a relação entre os morfemas de conteúdo e não atribuem ou recebem papel temático. Este tipo de morfema é essencial na construção de quadros gramaticais por ser marcado pelo traço [+quantificação]. A maioria das palavras funcionais e das inflexões pertence a este segundo grupo.

Com base nesta distinção, a pesquisadora propõe dois princípios para identificação da língua matriz numa CP bilíngüe: o *Princípio da Ordem dos Morfemas* e o *Princípio do Morfema Sistêmico*.

**“Princípio da Ordem dos Morfemas:** Em constituintes ML+LE consistindo de (...) lexemas da LE e de qualquer número de morfemas da LM, a ordem dos morfemas de superfície será aquela da LM.

**Princípio do Morfema Sistêmico:** Em constituintes ML+LE, todos os morfemas sistêmicos que possuem relações gramaticais externas ao núcleo de seu constituinte virão da LM.”

(Myers-Scotton, 1993b, p.83)

Assim, numa CP bilíngüe, os morfemas sistêmicos são provenientes da língua matriz e os morfemas de conteúdo, da língua matriz e/ou da língua

encaixada, como podemos ver no exemplo abaixo, em que um morfema de conteúdo da língua encaixada (“cat”) é inserido num quadro estrutural em que a língua matriz é o japonês, que fornece à CP bilíngüe tanto morfemas de conteúdo (*kore*) quanto morfemas sistêmicos (*wa, ya*):

(143) Japonês – *inglês* (Myers-Scotton & Jake, 2000, p.100):

Kore wa *cat* ya.  
(Isto é um *gato*.)

Richardson (2000), cujo trabalho foi apresentado no capítulo anterior, também aplicou o *Modelo de Enquadramento da Língua Matriz* de Myers-Scotton (1993b) à análise descritiva de ocorrências naturais de *code-switching* português-ínglês. No *corpus* da autora, o tipo de *code-switching* mais freqüente envolveu sintagmas nominais, correspondendo a 71% do total de ocorrências, fato também constatado por Pfaff (1979), Poplack (1980), Berk-Seligson (1986) e Myers-Scotton (1993b). No que diz respeito à escolha da língua matriz e da língua encaixada, 54% das alternâncias eram do português para o inglês, isto é, em que o português era a língua matriz, cabendo aos 46% restantes trocas do inglês pra o português, ou seja, em que o inglês era a língua matriz. Apesar desta diferença não ter sido considerada significativa, a pesquisadora chegou à conclusão que tal distribuição não era isômere dentre as classes de palavras analisadas no caso da ilhas de língua encaixada formadas por apenas um item lexical. Em relação aos nomes, a língua encaixada era o português em 40% dos casos, aos verbos, em 23% das ocorrências, aos adjetivos, em 60% das trocas, e aos advérbios, em 40% das sentenças, como podemos ver na tabela 3.

Classes de Palavras	Porcentagem de Ocorrências	
	LM = inglês	LM = português
Nomes	40%	60%
Verbos	77%	23%
Adjetivos	40%	60%
Advérbios	60%	40%
Total de ocorrências	46%	54%

**TABELA 4: Ocorrências de *code-switching* no *corpus* de Richardson (2000)**

A autora justifica seus resultados afirmando que “tanto a direcionalidade do *switch* (...) quanto a complexidade do *switch* (...) refletem a competência comunicativa, cultural, e lingüística dos indivíduos no momento do estudo” (Richardson, 2000, p.104).

#### 5.4.

#### **Uma abordagem minimalista ao *code-switching***

Podemos pensar na pesquisa em *code-switching* numa abordagem sintático-gramatical como o estudo de como os diferentes sistemas lingüísticos interagem na mente do bilíngüe de tal maneira que a codificação fonológica e morfológica de um item lexical é possível somente em alguns contextos. Ao restringir as considerações acerca deste fenômeno ao aparato teórico mínimo necessário para explicar seus padrões de ocorrência e restrições formais, MacSwan (1999, 2000) sugere que o *code-switching* seja analisado dentro do panorama minimalista de Chomsky (1995).

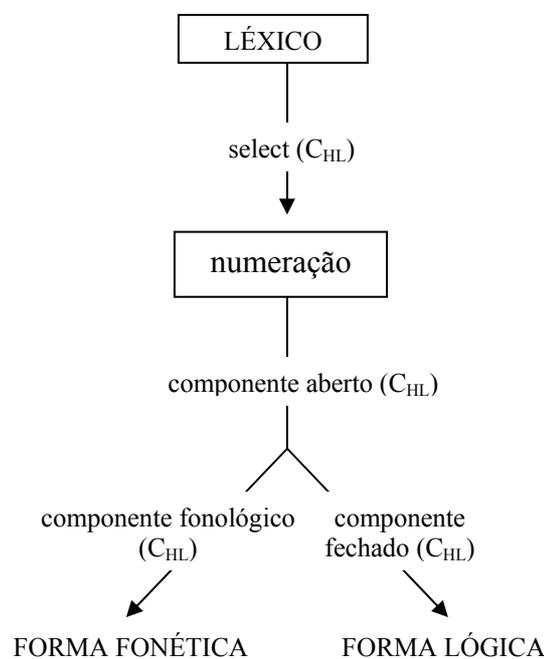
##### 5.4.1.

#### **O Programa Minimalista**

No Programa Minimalista (Chomsky, 1995), há dois componentes centrais da sintaxe:  $C_{HL}$ , um sistema computacional para a linguagem humana, o qual se presume ser o mesmo nas diversas línguas, e um *léxico*, ao qual se atribuem as diferenças idiossincráticas observadas entre as línguas. Dois níveis de representação, *Forma Fonética* ( $\pi$ ) e *Forma Lógica* ( $\lambda$ ), atuam como níveis de interface com os sistemas de desempenho articulatório-perceptual e conceptual-intencional, respectivamente. O objetivo principal do Programa Minimalista é a eliminação de todos os mecanismos não essenciais em termos conceptuais; assim, somente as suposições teóricas mínimas podem ser feitas para dar conta dos dados lingüísticos, privilegiando as justificativas mais simples em detrimento das mais complexas.

Para se construir uma derivação, uma operação chamada *select* seleciona itens do léxico – que possuem traços fonológicos, morfológicos e semânticos – e os introduz em uma *numeração*. Como a informação de natureza fonológica somente pode ser lida na forma fonológica, e a de natureza semântica, na forma lógica, há um estágio em que a derivação separa os objetos distintos de cada nível de representação, ao qual Chomsky chama de *spell-out*. As operações realizadas antes do *spell-out* são dirigidas por traços fortes e dão origem ao componente aberto da sintaxe, enquanto as operações dirigidas por traços fracos são visíveis somente na forma lógica.

A figura a seguir esquematiza este processo:



**FIGURA 4: Programa Minimalista (Chomsky, 1995)**

---

Princípios de economia constituem um aspecto importante do Programa Minimalista. O *Princípio de Interpretação Plena* requer que cada elemento da representação tenha uma interpretação. Assim, os traços não-interpretáveis - caso e o grupo de traços- $\phi$  (pessoa, número e gênero) -, devem ser checados e apagados pela forma lógica. Os traços interpretáveis são os traços categoriais e os traços- $\phi$  dos nomes. Diz-se que uma derivação converge se ela satisfizer ao Princípio de Interpretação Plena. Se os traços não são checados, a derivação não ocorre, evitando o aparecimento de construções agramaticais.

A checagem de traços no programa minimalista pode conduzir dois tipos de movimento. No *movimento do núcleo*, um núcleo (ou  $X^0$ ) se junta a outro, formando um  $X^0$  complexo. No *movimento de XP*, um XP se move à posição do especificador de outro XP. Estes movimentos ocorrem devido à necessidade de checagem de traços. A figura abaixo ilustra o movimento de  $X^0$  e de XP. No primeiro caso, a árvore (a) é formada pela aplicação sucessiva da operação *merge*, que utiliza traços categoriais lexicalmente codificados para construir uma representação estrutural clássica, em que DP se desloca do VP para checar seu traço de caso. V, o núcleo do VP, se move para T para checar e apagar seus traços- $\phi$  antes da forma lógica, o que está representado na árvore (b).

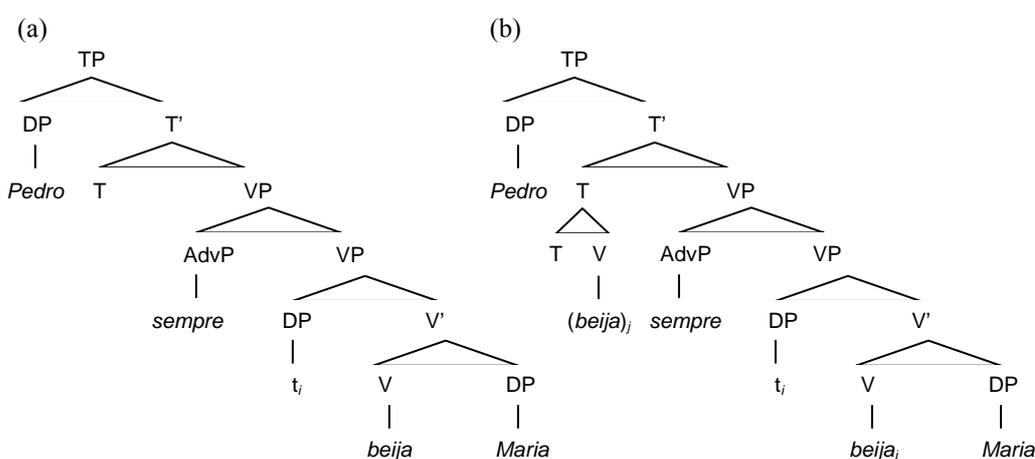


FIGURA 5: Movimento de  $X^0$

Como podemos ver acima, em geral o advérbio precede o verbo em português. Portanto, V é atraído pelos traços- $\phi$  fracos de T, o que está representado em (b) através do uso de parênteses no verbo, indicando que os traços fonéticos de V foram apagados. Em outras línguas, no entanto, esta ordem pode ser invertida, como, por exemplo, no francês (“Pedro embrasse souvant Maria”). Neste caso, T possui traços- $\phi$  fortes, o que atrai todos os traços de V, e é por esta razão que a forma fonética resulta no verbo precedendo o advérbio.

A figura a seguir, por sua vez, ilustra o movimento de XP. A sucessiva aplicação da operação *merge* resulta na formação de uma estrutura de base. Em seguida, o DP é atraído para T para checagem de seu traço de caso, o que é

mostrado na árvore (a). Depois, ele se move para o especificador do TP, como vemos na árvore (b):

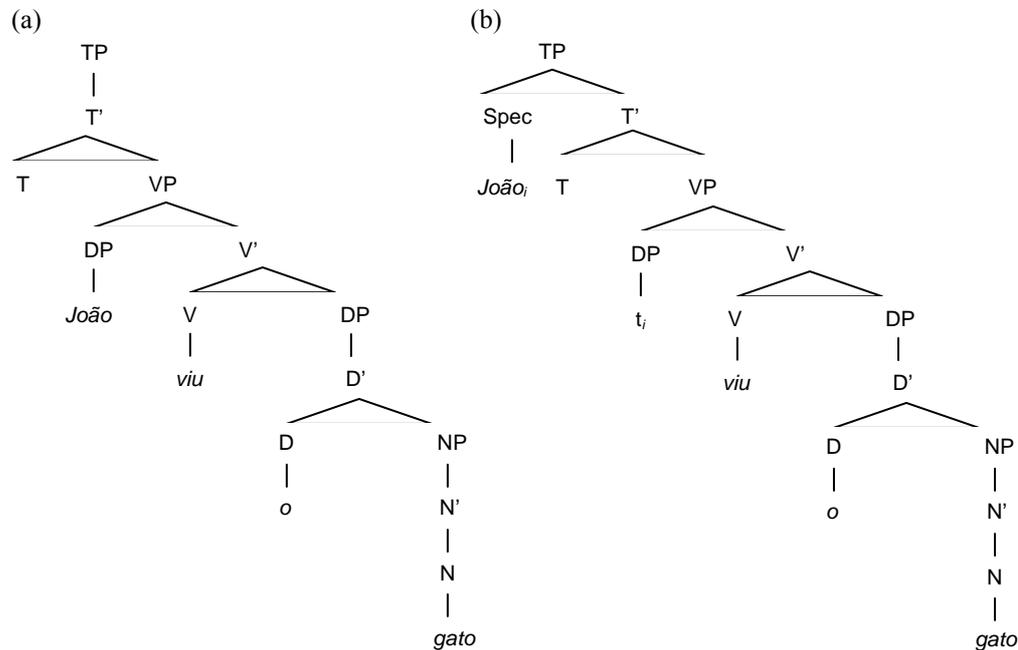


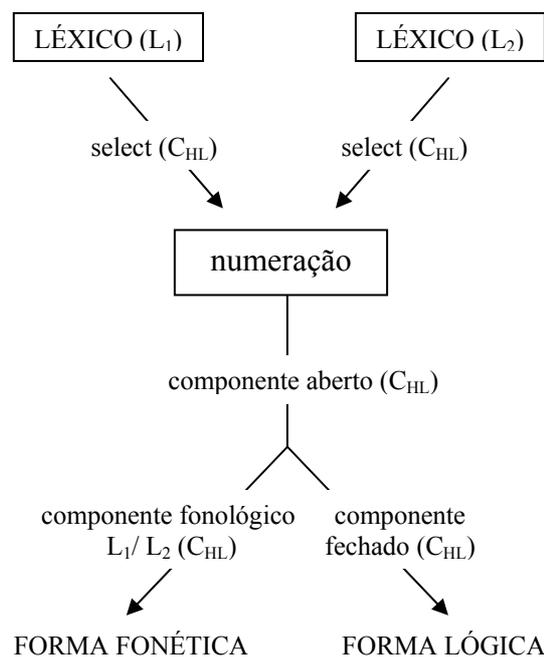
FIGURA 6: Movimento de XP

#### 5.4.2.

#### O modelo lexicalista de MacSwan

MacSwan (1999, 2000) afirma que há duas suposições possíveis acerca da representação e acesso dos itens lexicais no léxico mental bilíngüe. A primeira delas é a existência de um único léxico, em que cada item lexical é marcado para um grupo específico de regras fonológicas e morfológicas que resultam na produção de uma língua ou outra. Neste caso, o “bilíngüismo é, em algum sentido, uma ilusão” (MacSwan, 2005, p.6). A segunda suposição é que os itens lexicais do repertório bilíngüe estão mentalmente compartimentalizados de alguma maneira, com um grupo específico de regras fonológicas e morfológicas associadas a cada compartimento lexical. Como esta alternativa requer um número menor de mecanismos, o autor assume esta perspectiva como a mais adequada e acurada em termos do programa minimalista.

MacSwan (1999, 2000) sugere, portanto, que o *code-switching* é resultante da união de duas gramáticas codificadas lexicalmente, em que os itens lexicais podem ser extraídos do léxico de uma das línguas envolvidas no *code-switching* para introduzir traços na numeração, que devem então ser checados para ver se há convergência, da mesma maneira como os traços monolíngües são checados na derivação. Nesta abordagem de base lexical, as exigências gramaticais estão acopladas aos itens lexicais dos respectivos sistemas enquanto entram na derivação. A figura abaixo ilustra sua proposta:



**FIGURA 7: Abordagem Minimalista de MacSwan (1999)**

---

Podemos ver na figura acima que a numeração seleciona itens lexicais dos dois léxicos e derivação se separa no *spell-out*, com os traços relevantes à forma fonética enviados ao componente fonológico e a derivação mapeada para  $\pi$  (forma fonética), e com o material interpretável tratado através da aplicação do componente sintático e mapeado para  $\lambda$  (forma lógica). Assim, o *code-switching* é definido pelo autor como a união de duas gramáticas codificadas lexicalmente, em que cada item lexical impõe certos requisitos à derivação em termos de traços codificados. Portanto, as operações sintáticas não necessitam da informação a respeito de a que língua cada item lexical está associado.

Entretanto, MacSwan ressalta as regras fonológicas são ordenadas e variam entre as línguas (cf. Bromberger & Halle, 1989). Logo, se os componentes fonológicos de duas línguas contêm ordenamentos diferentes, a forma fonética resultante da interação entre elas não conseguirá realizar tal ordenação; ou seja, os componentes de  $\pi$  não conseguirão lidar com tais regras ou restrições. Portanto, o autor afirma que o *code-switching* dentro do componente fonológico não é possível, conforme postula no *Teorema de Disjunção da Forma Fonética*.

### Teorema de Disjunção da Forma Fonética

“(i) O componente da FF [forma fonética] consiste de regras/restrições que devem ser (parcialmente) ordenadas (...) uma em relação a outra, e estas ordens variam entre línguas.

(ii) Code-switching é a união de ao menos duas gramáticas (lexicalmente codificadas).

(iii) Relações de ordem não são preservadas em união.

(iv) Portanto, code-switching dentro do componente da FF não é possível.”

(MacSwan, 1997, p.230)

O autor afirma que dá preferência ao termo “teorema” em detrimento de “princípio”, uma vez que se trata de uma dedução baseada na natureza do sistema lingüístico, já que o Princípio de Interpretação Plena requer como condição de interface que todo objeto tenha uma interpretação sensório-motora. Como os sistemas fonológicos não podem ser misturados, o *code-switching* na forma fonética gera elementos impronunciáveis que violam o Princípio de Interpretação Plena. Assim, tal restrição se trata de uma conclusão dos requisitos impostos por tal princípio, sendo, portanto, um epifenômeno, e não, um mecanismo da gramática, o que vai de acordo com a proposta minimalista de restringir as explicações e restrições sintáticas a um aparato teórico mínimo.

MacSwan aponta que o *Teorema da Disjunção da Forma Fonética* substitui a *Restrição do Morfema Livre*, proposta por Poplack (1980, 1981), uma vez que o primeiro prevê a má formação da alternância entre um radical e um afixo dentro do sistema fonológico, mas somente se o afixo estiver ligado pré-sintaticamente através de regras de formação de palavras internas ao léxico.

Assim, uma sentença como a seguir é mal-formada sintaticamente, tratando-se, portanto, de uma ocorrência não aceitável de *code-switching*:

(144) Espanhol – *inglês* (Poplack, 1980, p.586):

\*estoy *eat*-iendo.

(Estou *comendo*.)

Entretanto, se um item lexical do inglês, por exemplo, é adaptado ao inglês fonológica e morfologicamente, como no caso de empréstimos, o resultado é uma construção gramatical, como, por exemplo:

(145) Espanhol – *inglês* (MacSwan, 1999, p.222):

Juan está *parqu*-eando su coche.

(João está *estacionando* seu carro.)

Para MacSwan, portanto, empréstimos podem ser vistos como uma operação em que um novo radical é introduzido dentro de um léxico específico, em que itens morfofonologicamente complexos são formados antes de entrar na numeração, ou seja, antes do início da checagem de traços.

Além de suplantar a *Restrição do Morfema Livre* sem a necessidade de criação de regras próprias ao *code-switching*, o *Teorema da Disjunção da Forma Fonética* prevê a impossibilidade de *code-switching* em contextos de movimento do núcleo. Com base no teorema, *code-switching* não pode ocorrer dentro de um item lexical ou núcleo, uma vez que os núcleos são *inputs* para a forma fonética e a natureza do sistema fonológico não permite alternância abaixo deles. Deste modo, o teorema de MacSwan prediz a impossibilidade de *code-switching* envolvendo movimento de  $X^0$ .

Por fim, MacSwan considera que, ao estipular que os parâmetros estão associados a itens lexicais, o Programa Minimalista permite uma nova concepção do bilingüismo, uma vez que as gramáticas não são mais vistas como compartimentadas na faculdade da linguagem e as operações sintáticas não necessitam da informação a respeito de a que língua um item lexical está associado, mas codificadas nos itens lexicais dos respectivos sistemas e nos princípios da gramática universal, eliminando assim todos os mecanismos não essenciais em termos conceptuais. Assim, a diferença entre uma língua SVO e

uma língua SOV, por exemplo, é definida em termos da força dos traços no objeto DP, o que simplifica a concepção de bilingüismo, já que não há diferenças nas regras da sintaxe. Deste modo, “nada restringe o code-switching além dos requisitos das gramáticas mistas” (MacSwan, 1999, p.146).

## 5.5.

### Sumário e considerações

Os estudos sobre as restrições sintáticas ao *code-switching* intrasentencial buscaram, a princípio, provar que esta prática lingüística não era randômica, desgovernada e idiossincrática. Na década de 70, os pesquisadores se preocuparam somente em descrever fatos relacionados ao *code-switching*, sem prover explicações teóricas sobre os aspectos sintáticos envolvidos na alternância entre códigos (Timm, 1975; Gumperz, 1976; Lipski, 1978; Pfaff, 1979). Uma vez comprovada a sistematicidade deste fenômeno, a pesquisa sobre a gramaticalidade do *code-switching* rejeitou restrições particulares ao *code-switching* como as apresentadas inicialmente e buscaram elaborar modelos gerais acerca da interação entre dois ou mais sistemas ou subsistemas lingüísticos (Poplack, 1980, 1981; Joshi, 1985; Di Sciullo, Muysken & Singh, 1986; Mahootian, 1993; Belazi, Rubin & Toribio, 1994). Tais propostas incluíam restrições pretensamente universais ao *code-switching* dentro de diferentes panoramas teóricos; contudo, foram encontrados diversos contra-exemplos a tais regras do *code-switching* em diferentes grupos de línguas na literatura sobre línguas em contato. Este fato pode ser explicado devido à adoção exclusiva de dados naturais de fala para a formulação de tais propostas, o que as limita aos *corpora* de cada pesquisador.

Myers-Scotton (1993b) se destacou destes estudiosos ao propor uma abordagem de base teórica ao *code-switching*. A autora utilizou os termos língua matriz e língua encaixada, já utilizados por Joshi (1985), para analisar este tipo de interface entre duas línguas, embora tenha adotado um critério mais estrutural para defini-los. A pesquisadora postulou dois princípios para dar conta das restrições ao *code-switching* em quaisquer grupos de línguas, o *Princípio da Ordem dos Morfemas* e o *Princípio do Morfema do Sistema*, segundo os quais a língua matriz define a ordem e a estrutura das sentenças mistas resultantes do

*code-switching*. Sua abordagem é relevante por distanciar-se dos modelos anteriormente propostos, meramente descritivos, e por buscar estipular, com base num grupo restrito de parâmetros, a organização hierárquica dos enunciados em que há alternância entre códigos.

MacSwan (1999, 2000) também buscou restringir a análise do *code-switching* ao aparato teórico mínimo necessário para explicar seus padrões de ocorrência e restrições formais. Com base no Programa Minimalista (Chomsky, 1995), o autor propôs uma abordagem coerente a este fenômeno, de base lexicalista, em que o *code-switching* é visto como consequência natural da mistura de dois léxicos no curso da derivação. A proposta de MacSwan é mais adequada que as anteriores, uma vez que não requer a operação de uma terceira gramática responsável pela mediação dos requisitos contraditórios de sistemas lingüísticos distintos. Além disso, a contribuição gramatical de cada língua no enunciado resultante do *code-switching* é claramente identificada, uma vez que as diferenças lingüísticas estão codificadas em cada item lexical. Ainda, por sua abordagem minimalista não conter restrições específicas ao *code-switching*, os dados são examinados com rigor consistente com a tendência corrente na teoria lingüística, o que pode levar a novos *insights* sobre o bilingüismo e sobre a própria teoria da gramática.